

Bancos alemães podem ter prejuízo de US\$ 100 milhões em três meses

GRAÇA MAGALHÃES-RUETHER
Correspondente

BONN — Se o Brasil deixar de pagar os juros da dívida durante três meses, os bancos alemães terão um prejuízo de US\$ 100 milhões (Cz\$ 1,8 bilhão), anunciou, ontem, o Suedamerikanische Bank (a filial do Dresdner encarregada do Brasil). Até agora, diz o banco, os empréstimos em marco alemão — equivalentes a US\$ 5 bilhões de dólares — vinham sendo pagos pontualmente.

A decisão do Governo brasileiro foi divulgada pela imprensa como destaque. Muitos comentaristas econômicos falaram de um "clima de pré-insolvência". Outros procuraram defender a honra do País. Já os especialistas do Governo e dos bancos foram bem mais cautelosos.

O encarregado do Brasil no Ministério da economia, R.W. Probb, disse que "é muito cedo ainda para dizer alguma coisa". Para o Commerzbank, um dos três maiores do país, a suspensão das remessas não provocou surpresa, porque tem uma certa semelhança com a de 1983.

Mas o Commerzbank diferencia bastante a situação brasileira da peruana. "Os dois países estão em uma situação inteiramente diferente. O Brasil está fortemente integrado na economia mundial, e por isso interessado no progresso econômico, o que não é o caso do Peru. O Commerzbank acredita que depois dessa moratória, o Brasil não vai mais ter condições de se livrar facilmente da tutela do FMI, o que tem evitado até agora", diz a porta-voz do Banco.

A imprensa destacou ontem que na sua história o Brasil já deixou de pagar a sua dívida por seis vezes. Em 1889, 1914, 1931 e 1937, os pagamentos de juros foram suspensos. Recentemente, em 83, houve apenas uma interrupção provisória.

O comentarista da agência alemã **DPA** diz: não só o pagamento da dívida está em crise. Depois de crescimentos de 8,3 por cento em 1985 e 7,3 por cento em 1986, em 1987 a taxa será bem inferior. Especialistas vêem até o perigo de uma recessão. A inflação atingiu um novo recorde histórico, de mais de 16 por cento em janeiro, e há um prognóstico entre 20 e 30 por cento para fevereiro.